Cotidiano e experiência estética como conhecimento

Sérgio Bairon[1]

· VIII ·

Em seu livro Significados da Paisagem, que Victor Aquino escreveu em homenagem à trajetória de vida de seu pai fotógrafo, há uma citação de Susan Sontag que diz: "Descrevia cada parada de sua viagem como uma peregrinação. E cada lugar podia ser uma ocasião para uma reclusão inspirada." Quiçá sem

1. Professor associado do curso de Relações Públicas na USP. Licenciado em Estudos Sociais. Bacharel em História. Doutor em História Social. Autor de *Hipermídia*.

mesmo pensar na possibilidade, Victor Aquino descrevia a si próprio, pois foi justamente o rico encontro entre o cotidiano, a experiência estética que definiu sua caminhada pelas reflexões acadêmicas e literárias.

Temáticas estéticas e cotidianas como a moda, a propaganda, a opinião pública, o turismo, o lazer, dentre outras e temáticas estético-filosóficas, como o próprio conceito de ética-estética, arte, música etc., representam um universo de conhecimento que expressam a grande capacidade interdisciplinar de Victor Aquino. Esta talvez seja a característica principal do conjunto de sua obra: por exemplo, compreender a moda e a música numa relação profícua no conjunto de ações cotidianas, bem como a fotografia e as paisagens como uma experiência estética que se apresenta enquanto linguagem. Portanto, vivências e reflexão são a mesma coisa para Victor Aquino, evitando isoladamente as noções de uma pureza asséptica do pensar acadêmico ou da ficção cotidiana como verdade. Ambas características atuam conjuntamente e, quem conhece Victor Aquino pessoalmente, tem o prazer de verificar o quanto suas compreensões de mundo seguem as narrativas de um grande contador de histórias. Victor Aquino não aproxima somente temáticas e áreas do conhecimento, aproxima também as pessoas, é um mediador por excelência, fato que pode ser simbolizado pelos inúmeros trabalhos organizados por ele e que renderam oportunidades de publicações para inúmeros colegas e estudantes.

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

Por todos estes motivos, recorrendo a questões já por mim trabalhadas em outros textos, minha opção foi destacar duas dentre as mais variadas temáticas presentes em sua obra: o cotidiano e a experiência estética, que podem ser sintetizadas pelo conceito de *Téchne*. É desta forma que este texto pretende fazer jus a um naco de sua obra.

Sócrates e Platão aplicaram o conceito de *téchne* ao ser humano no sentido de situá-lo no âmbito político-estético e destacaram a existência de uma grande diferença entre a *téchne* que se ensina e a que se aprende empiricamente. Aristóteles afirmava que téchne ama *tykhe*, e *tykhe* ama *téchne*. Gadamer nos lembra que essa visão evidencia não só que o êxito geralmente acompanha aquele que aprende seu ofício, mas também que o que se aprende, a priori, com a utilização e o desenvolvimento da *téchne* é uma soberana superioridade sobre as temáticas e os fenômenos (01). Victor Aquino conseguiu produzir no interior dos dois âmbitos de *Téchne*, ou seja, aquele que aprende produzindo porque só pode produzir aprendendo. Aquino demonstra ter aprendido o que Gadamer já nos alertava no sentido de que o homem não dispõe de si mesmo, como o artesão dispõe da matéria, não pode produzir sua compreensão da mesma forma com que pode produzir outras coisas que estão no mundo, por esta razão Aquino produz ficção e reflexão acadêmica por meio da mesma dedicação e cuidado.

Seguindo os desdobramentos da estética a partir da *téchne*, aprendemos com sua obra que devemos estar alertas

frente a delimitação do saber puramente técnico, uma vez que o objeto desse saber não pode ser compreendido somente a partir de si mesmo. Neste sentido, ao falar de publicidade ou de editoração gráfica, Victor Aquino sempre trouxe consigo questões de fundamentos filosóficos. Demonstrou que o saber técnico nunca poderá ser encarado como algo que, genericamente, sempre é como é, mas como um saber que sempre deve ser visto de maneira totalmente contextualizada em fundamentos teóricos. Visão conquistada pelas reflexões de Victor Aquino sobre a publicidade, já que sempre tratou este tema como interlocutor de questões culturais, éticas e estéticas e, nunca, apenas como resultado da aplicação de um saber técnico.

Nesse contexto, na obra de Victor Aquino, uso (costumes) e conceito (filosofia) se encontram. Todo aquele que possui um projeto técnico-conceitual não está livre de se adaptar a situações absolutamente circunstanciais que o obrigam, frequentemente, a reavaliar seu projeto. Portanto, a Moda foi uma temática destacada por Aquino como um projeto híbrido e mutante e não como uma temática congelada em leis lógicas. Devemos evitar aquela visão reducionista da técnica que, por sua instrumentalização do objeto que está no mundo, acaba enxergando um sentido em si para toda ação produtiva. O cálculo, a escrita, a medição musical, enfim, toda ação "essencialmente técnica" nunca está no mundo por acaso ou por obviedade. Neste sentido, ao falar de arte ou fotografia, Victor Aquino demonstra

que nenhuma técnica é obviamente limitante ou limitada, pois sempre se encontra no interior de um contexto, inclusive pessoal, assim como os objetos, que nunca estão no mundo por acaso. Daí que em sua obra "*Significados da paisagem*", Victor Aquino explora uma variedade enorme de cotidianos, que expressam ricos exemplos de como encarar a vida, como desafiar o acaso e como se aventurar com tradição, pois quem soube ser sempre será! Victor Aquino trouxe para temáticas acadêmicas o exemplo de que somente ricas histórias familiares podem garantir a existência de princípios metafórico-estéticos, pois até mesmo *o negativo é sempre revelador*, tanto das fotografias quanto de vidas como paisagens, já que a familiaridade é o único fenômeno cultural que nos acompanha *depois do futuro* quando chega a verdade.

Podemos acalorar a discussão, afirmando que no meio científico nunca devemos deixar de nos envolver com uma questão central: o que é a verdade? Da leitura da obra de Victor Aquino, podemos compreender que a questão da verdade domina fundamentalmente toda nossa vida, ainda que não possamos inteiramente explicar o porquê. A ideia da verdade reside absoluta e inequívoca na vida do pesquisador Victor Aquino, ainda que ele não a tenha tematizado objetivamente, mas resolveu de uma maneira genial quando nos oferece reflexões que aproximam imagem, conceito e ficção. Neste sentido, é justamente o encontro entre contos, publicidade, fotografia, paternidade e música que força um princípio

tão importante na academia: a verdade somente pode ser dita e meia (02). Lembremos que a questão da verdade coloca em cena o problema da vinculação verdade/ciência. Este é um problema fundamental, já que podemos considerar seriamente, nesse início de século, muitos dos desenvolvimentos científicos que nos colocam na tarefa de pensar sobre as fronteiras entre filosofia, arte e ciência. O alcance destas questões está proporcionalmente vinculado ao ato de ocultar e desvelar (03), ações sempre presentes na obra de Victor Aquino.

Heidegger lembra o termo com que os gregos designaram a verdade, *aletheia*, o que significa que o ser da verdade deve ser arrebatado do seu estado de ocultação e encobrimento, mas isto não significa o alcance de uma essência estática. Como na caminhada de Victor Aquino, o Ser sempre deve ser definido por meio de sua temporalidade gerúndio (Sendo)! A reflexão do filósofo indica a eterna cumplicidade entre ocultação e encobrimento. O encobrimento pertence a toda ação humana, pois a linguagem não expressa somente a verdade, mas faz com que esta também se defina na ficção e no engano. É como compreende Gadamer em sua revisão heideggeriana: "Existe, pois, uma relação originária entre o ser verdadeiro e o discurso verdadeiro. A des-ocultação [que é revelação] do ente se produz na sinceridade da linguagem" (04). De certa forma, Victor Aquino fez do nome próprio um encontro entre formalização e ficção, Tupã Gomes Corrêa foi desconstruído para Victor Aquino. Refundou

a si próprio como refundou o pensamento aproximando ciência e ficção.

Dado que verdade é des-ocultação – retirar Victor Aquino do interior de Tupã Gomes Corrêa - esse discurso mostrativo tende a deixar que se manifeste livremente aquilo que foi des-ocultado. Por que devemos pressupor que esteja na lógica-formal (até mesmo do nome próprio) a principal referência de verdade, como muitos quiseram? A ciência (formalização) não pode se colocar na recusa do enfrentamento dos problemas colocados pela ficção. Ao contrário, podemos encontrar hoje uma vívida recuperação do elaborado pelas ficções no interior das narrativas interrogativas de "contação" de histórias: em que sentido e de que modo se pode recuperar o saber elaborado pela relação ciência/ficção? Há sentido nisso ou tal tentativa se coloca como algo ilógico? Victor Aquino acreditou ser possível esta recuperação sem abandonar o acadêmico!

Aquino não se acomodou no fato de que a pretensão da ciência tem sido superar o aleatório da experiência subjetiva mediante um conhecimento objetivo ou superar a linguagem "equivocada" do cotidiano pela univocidade do conceito (05). O ideal de verificabilidade que encontramos no seio da cogitação científica, nos mostra que todos aspiram a um certo grau de verificabilidade de suas opiniões, proposições etc., porém, o certo é que esse mesmo ideal muito poucas vezes pode ser alcançado, ainda que se realize um grande esforço no sentido de ampliar a

ideia e a prática da precisão. Mas o que isso demonstra é que a ideia vigente de precisão, responsável por parte do que se pode compreender como verificabilidade hoje, deve ser pensada diferentemente nas ciências empíricas e nas ciências humanas ou sociais aplicadas. Podemos nos inspirar em Victor Aquino e suas reflexões sobre estética, afirmando que muitas vezes a leitura de um livro, no caminho da investigação de um filósofo como A. Baungarten, produz muito mais do que todas as investidas anteriores. Trata-se de uma diferença entre o conhecimento da verdade e a enunciabilidade possível que não pode ser relacionada bi-univocamente com a verificabilidade dos enunciados. Muitas das consequências da racionalidade contemporânea têm sua raiz numa cogitação filosófica do gênio, e não na busca de uma verificabilidade radical e empírica das proposições que analisa. Trata-se de colocar a consistência e a verificabilidade como questões ficcionais que nos remetam para a construção de perguntas, enfrentando-se assim formulações paradoxais (06). Sob esse solo de pensamento pode florescer a ideia de uma ciência fundamental, que combine elementos da metodologia científica e das artes. Se, por um lado, talvez seja essa uma das bases pela qual Victor Aquino pretende sua reflexão sobre as condições da estética na filosofia, por outro lado, de uma maneira sensível e ao mesmo tempo prática, é nesse campo de interstícios que Aquino explora suas memórias, unindo no campo digital academia e ficção (07). Seguindo seus exemplos, podemos afirmar que se

os resultados das investigações nas ciências humanas, por um lado, ficaram muito aquém dos encontrados no ideal quantitativo da verificabilidade, por outro lado, muitos dos avanços significativos nas áreas das humanas e sociais aplicadas encontraram sua nascente na especulação de questões estético-filosóficas (08). Nesse contexto, a técnica ou a ciência jamais poderiam ser encaradas em si de forma aleatória, mas seus fundamentos estariam sempre vinculados à ação do perguntar (?).

É assim que a pergunta encaminha sua força para o futuro da compreensão. Victor Aquino pergunta sobre sua própria infância, sobre seu pai, sua cidade natal, mas também sobre a publicidade e temáticas contemporâneas. Sabe que cada enunciado provoca reações que jamais são específicas e possui pressupostos que, ele mesmo, não enuncia ou não pode enunciar. Ou seja, ao enunciar algo, algo tem de deixar de ser enunciado. Talvez por isso Victor Aquino nos premia com um eterno retorno a si próprio, por meio de temáticas "outras" que não cessam de se inscrever em sua trajetória. Aquino compreendeu que somente a expressividade estética desses pressupostos pode avaliar realmente a verdade de seus enunciados: sempre dizendo para mais além e também para mais aquém de nosso próprio dizer. Dessa forma, Victor Aquino sabe que não é o juízo que possui a prioridade na lógica, mas a pergunta. A pergunta resta, então, como a última forma metodológica de toda e qualquer motivação de um enunciado. O enunciado ficcional ou científico

passa a figurar como uma forma aproximada da colocação de problemas, aparece sempre como uma tentativa de resposta à pergunta que revoluciona a si própria. A ciência possui o caráter decisivo de trabalhar na busca de ver as perguntas. "Porém ver as perguntas é poder abrir o que domina todo nosso pensar e conhecer como uma capa fechada e opaca de prejuízos assimilados. O que constitui o investigador como tal é a capacidade de abertura para ver novas perguntas e possibilitar novas respostas. Um enunciado encontra seu horizonte de sentido na situação interrogativa, aquela da qual procede" (09). O enunciado, por exemplo, de um padre vegetariano (na obra *O padre e o açougueiro*), no intuito de expandir o diálogo com Victor Aquino, poderia nos levar à pergunta: como pode um Padre vegetariano comer o corpo de cristo? Uma pergunta que emerge do cotidiano relatado na ficção, mas que demandaria muitas questões filosóficas e mistagógicas.

Tanto Victor Aquino quanto sua obra indicam que palavra que não é dirigida ao Outro/outro é vazia, daí ele sempre promover seminários e encontros temáticos, nos oferecendo suas produções como interlocutores dos mais diversos temas. Reinaugura frequentemente o princípio de que toda palavra é vetor de direção de um outro para um Outro. Somente no interior desse círculo científico-ficcional da linguagem é que a verdade pode ter lugar, porque as temáticas roçam o real, sempre construindo para mais além no futuro, o princípio de que a verdade possível é a que não pode se pôr como ponto final. Ao

contrário, a palavra está sempre exposta e reinaugurada no interior de ambientes imagéticos e audiovisuais (10).

Da obra de Victor Aquino, podemos concluir ainda que a experiência estética é o grande recurso cognitivo à imersão de toda pergunta. Este horizonte marca-nos como presença na finitude do cotidiano. Portanto, a fundamental relação da ciência com a expressividade estética está na dimensão do encontro destes horizontes visuais e verbais que se apresentam a nós. É neste sentido que Victor Aquino situa a experiência estética na arte ou na publicidade como o caminho mais propício à verdade, tornando claro para nós que estética e verdade são inseparáveis (11). A compreensão que a experiência estética possibilita não está restringida ao estabelecimento de uma *distinção estética*, mas às manifestações de seu mundo e, é evidente, aquele mundo que pode ser compreendido a partir de nossa historicidade. Daí Victor Aquino demonstrar a historicidade do próprio conceito de estética, destacando que a ciência da criação artística, ciência do belo ou do correto, é a estética, que a partir de Baumgarten passa a ser admitida como filosofia da arte.

No entanto, os próprios exemplos dados pelas temáticas abordadas por Victor Aquino também destacam na experiência estética a maneira de tratar a compreensão como um ambiente de manifestação à pergunta. Não se trata somente de buscarmos generalizações de sentido histórico. A totalidade de sentido defendida aqui está presente,

explícita ou implicitamente, em toda compreensão, mas jamais aquela que se apresenta num possível sentido de totalidade histórica, daí os textos de Victor Aquino manifestarem sempre uma grande necessidade de atualização das discussões em torno da estética.

Na obra de Victor Aquino, passado, presente e futuro estão delimitados pela tradição histórica que, por sua vez, age como o acontecer da expressividade do próprio sujeito que busca conhecer o mundo. A evidência da pergunta não pretende nenhum senhorio sobre o Ser, mas denota que a experiência do Ser está justamente onde há possibilidade histórica de compreensão. Portanto, não devemos tentar uma ampliação das generalizações, no escopo de se conhecer as leis científicas que podem explicar os caminhos de um pensamento qualquer; mas procuremos, num primeiro momento, valorizar todas as descrições narrativas que se apresentem descomprometidas com a busca da verdade da lei (12). Por isso, as leis da Moda, tal como descreve Victor Aquino, são anti-leis lógicas e técnicas. Gadamer faz uma pergunta que sintetiza estas questões: "Que classe de conhecimento é essa que compreende que algo seja como é justamente porque assim já vem sendo?" Só pode ser um tipo de conhecimento que deve partir, prioritariamente, do ocultamento de seu próprio ser, responderia Victor Aquino, pois a moda, a publicidade, a fotografia, a arte etc. são temáticas que se alteraram profundamente ao longo de suas próprias historicidades.

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

É exatamente o que deve ser compreendido quando estamos localizados somente no interior do pensamento da escrita metodológica que nega a ficção e o cotidiano como verdades, pois a partir de um determinado momento metodológico tendemos a eleger como "subjetivo" todo conhecimento que não seja produzido pelo método científico. Mas como, ao mesmo tempo, manter-se aberto ao outro e a pontos de vista diversos e direcionar-se por meio da valorização do próprio horizonte? Como poderíamos, sem romper definitivamente com a reflexão acadêmica, valorizar os tópicos "subjetivos" que tanto temos esquecido? Como evitar nessa empreitada que passemos a julgar o geral exclusivamente pelas nossas particularidades? Para essas velhas perguntas, Victor Aquino responde a partir da construção de uma obra híbrida, buscando em si próprio e até mesmo em suas familiaridades caminhos de reflexão que aproximam os âmbitos da academia e do senso comum e até mesmo invertem suas autoridades sem desmerecê-los mutuamente. Ou seja, assim como a experiência estética contém um mundo em si, o vivido esteticamente deve arrancar de si mesmo o nexo de sua vida. Na experiência estética há uma pertença de sentido que não se relaciona apenas com um aspecto particular, mas representa e transmite o conjunto do sentido da vida. Uma vivência estética contém sempre uma experiência inacabada e inacabável com o mundo. Seu sentido torna-se infinito, porque representa um todo e não a unidade de um processo aberto (13).

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

Aprendemos com Victor Aquino que deveremos ter, então, no conhecimento científico como na experiência estética, uma maior proximidade com a habilitação plena de significação, tal como podemos encontrar em todas as nossas vivências.

A obra de Victor Aquino busca caminhos alternativos, em que os fenômenos da estética e do cotidiano devem possibilitar a auto-compreensão das manifestações da historicidade. Nesse sentido, a essência da moda ou da publicidade não é uma atualização transitória que manifesta a pura consciência histórica, mas a manifestação de um ser que se atualiza recorrendo historicamente a si mesmo. A temática da Moda foi tratada deste jeito, no sentido que Victor Aquino demonstrou ser a Moda uma expressividade estética que está em profunda reconstrução. Portanto, é fundamental não criarmos sobre a beleza e a estética nenhuma perspectiva que pressuponha uma classificação científico-positivista, mas que aborde a realidade histórica do homem em suas condições conceituais e ficcionais, inclusive, por meio da exposição digital de sua própria obra (14).

Victor Aquino parece partir do princípio de que no universo da experiência estética, a imagem participa do ser que a representa, pois o que está representado volta-se a si mesmo, ou seja, só está por si mesmo em sua imagem enquanto reinterpretada (15). Provavelmente por esta razão nos passa a impressão que seu pai fotógrafo escrevia

por meio das imagens. A estética acaba por subsumir na obra de Victor Aquino, ou seja, ele retira desta as principais premissas a caminho da compreensão sobre a área da Comunicação. A compreensão deve mostrar-se como fragmento de um sentido que se constrói num todo enunciado, isso tanto na ficção como na ciência ou na filosofia, demonstra Victor Aquino.

O encontro do sensível com a intelecção está na busca que podemos deflagrar por um ambiente de expressividades estéticas. Victor Aquino defende que a antecipação de sentido que guia a compreensão numa expressividade estética não é o resultado de uma pura subjetividade, mas revela-se a partir da comunidade que nos une com determinada tradição, daí suas reflexões sobre sua cidade natal serem tão universalmente descritas, onde o particular e o universal não existem separados.

É explicitamente a partir de si mesmo (sua história de vida) que Victor Aquino define suas temáticas. E o destaque desta última frase encontramos na palavra "explicitamente". Victor Aquino, seja na academia enquanto num cargo de chefia, seja como intelectual ou na ficção, exercita o princípio de que o perguntar significa suspender todos os prós e contras. É a principal maneira de alguém estar ao mesmo tempo contra e a favor. Victor Aquino é um narrador, um contador de histórias, que estrutura suas narrativas em perguntas que, por sua vez, nos levam a respondê-las por meio de outras perguntas.

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

Como no movimento dialógico, entre pergunta e resposta, o assistente da expressividade estética pode aprender que a grande arte da compreensão não está só no ganhar, conclusivamente, o conhecimento de fatos (16), mas em reinaugurar, sempre, o diálogo!

Para Victor Aquino, tanto a experiência estética quanto a cotidianidade não podem ser capturados em si, não podem ser compreendidas em seu ser-no-mundo metodologicamente. Os juízos estéticos que cercam a experiência estética devem ser os mesmos a manifestar sua historicidade palinódica, tendo como juízo fundamental o fato de que os universos de sentido revelam a essência histórica de nossa finitude. Por isso é que destacamos que Victor Aquino defende, na prática, que o saber em expressividade cotidiana, ficcional e/ou acadêmico não deve se submeter somente ao já conhecido, mas incutir-se na tradição do texto, imagens, fotografias, vídeos etc., que nos abrem horizontes de compreensão. Esta não depende de um virtuosismo técnico e, sim, da experiência com a coisa e com os lugares que vale como verdade. A conceituação fenomenológica de coisa nos leva à essência da compreensão histórica frente ao seu mundo: que não haja nenhuma coisa, ali onde falte a relação entre ética e estética, poderíamos pensar a partir da obra Ética e estética organizada por Victor Aquino.

Nas expressividades estética e cotidiana trabalhadas por Victor Aquino, a linguagem pode expressar a

multiplicidade de vozes, até mesmo no meio acadêmico, desde que esteja construída com base em relações conceituais dialógicas e interdisciplinares. "O que eu tenho descrito como fusão de horizontes é a maneira como se realiza a unidade de um sentido, que não permite ao intérprete falar de um sentido original de uma obra, sem se ter introduzido, na compreensão da mesma, o sentido próprio do intérprete." (17) As rupturas com a fusão de horizontes, propostas pela metodologia científica tradicional, tendem a esconder a abertura ao mundo das ressignificações, não reconhecendo que não podemos ser objetos de nós mesmos. Os horizontes expostos nas fotografias tiradas pelo pai fotógrafo de Victor Aquino encontram-se com as mais diversas temáticas intermediadas entre si pelo conceito de estética, pois a fusão de horizontes proporcionada por Victor Aquino não discrimina ciência e ficção.

A experiência estética, portanto, não é um mero objeto de prazer, pois deve ser muito mais que isso: um evento da manifestação da verdade do Ser. É por isso que, inspirados na obra de Victor Aquino, podemos dizer que a experiência estética está extremamente próxima de uma experiência científica, sobretudo, partindo do seu exemplo em aproximar trajetórias biográficas, acadêmicas e ficcionais. A identidade nesse ambiente ocorre na recorrência a sua própria estrutura dialógica, que é proporcional ao universo cotidiano e docente de Victor Aquino. Na verdade, as temáticas da Moda, da Música, da Estética e

da Ética estão profundamente associadas às suas interpretações de *Significados da Paisagem*, não somente pelo nível de familiaridades que estas contem, como também pela forma com que Victor Aquino atualiza as narrativas. A evidência que se expõe a partir dessa estrutura localiza o ser na incompletude do mundo, maneira de ser da experiência estética; assim, a experiência estética define método como o caminho de uma auto-representação, que produz universalidades capazes de oferecer um profundo diálogo com os leitores. Em sua obra, o universal não é fruto de uma taxionomia que nos oferece a classificação das temáticas abordadas, mas o modo de ser da experiência estética que, ininterruptamente na obra de Victor Aquino, provoca uma abertura ao mundo da comunicação. Ou seja, o fato de realçar a potencialidade da experiência estética não está no ato de a nomear como tal, mas é proporcional às transformações que ela provoca em todos nós (19). "A representação da arte implica essencialmente que se realize para alguém, ainda que não haja ninguém para escutá-la ou vê-la." (20)

As experiências reflexivas de Victor Aquino habitam esteticamente seus textos e ideias, exatamente como habitamos uma casa: com imagens, sons, diálogos, paisagens, caminhadas, ditados, expressões verbais etc., numa frequente interação com as coisas ali desveladas e que nos interpelam. No entanto, não podemos esquecer que a familiaridade com os objetos é uma construção e não algo dado. O contraponto do científico, neste contexto, não

está localizado nas contradições histórico-sociais, mas na ação do ser frente a suas possibilidades de auto-reconhecimento. A liberdade de criação cotidiana deve procurar explorar no mínimo em igual intensidade a liberdade de interpretação e compreensão de seu conteúdo. Poderemos alcançar, assim, a noção de que o Ser não só é o tempo de sua dedicação para com a compreensão, como também o resultado infinito da ação da incompletude do sentido. Numa frequente relação dialógica com o todo e a parte, vamos construindo, buscando a verdade de nossa historicidade (21). Mas a verdade aqui novamente aparece como condição de sua própria negação, um legítimo evento de desvinculações entre projeções e historicidade. Imersos nesse meio, podemos comunicar literalmente o vínculo entre nossa identidade e boa parte do mundo que a cerca. "Pode-se dizer: sem a linguagem não podemos nos comunicar? Isso soa como se houvesse comunicação sem linguagem. Porém o conceito de linguagem repousa sobre o conceito mesmo de comunicação" (22)

O que Victor Aquino parece intencionar esclarecer com sua obra é que, na experiência estética, a irrupção da verdade ocorre pela revelação não de ideias, mas de ambientes, de moradas, de partilhas das quais, a priori, as coisas emergem, sem que sua principal ontologia esteja numa sequência lógica de aparecimento no mundo. Nesse contexto, o conhecimento deve assumir sua condição de expressividade poética à busca da experiência. Esta pertença ao mundo não se revela simplesmente em sua

atuação ou produção, mas no acontecimento da abertura de novos horizontes a cada nova compreensão. Em sendo assim, na obra de Victor Aquino não vivenciamos um mundo que está ou não presente em expressividade estética, mas ocorre pela relação dos nossos horizontes com os horizontes que se apresentam a nós, por meio do encontro entre ficção e conceito acadêmico. Victor Aquino não defende uma noção abstrata e puramente teórica de experiência estética, ele vivencia o conceito e socializa esta vivência para todos nós, com a mesma transparência como conta incríveis histórias durante um café. É curioso o quanto Victor Aquino é generoso na socialização de suas ideias, inclusive, de suas obras. Quase todos os seus livros podem ser baixados gratuitamente pela Internet. Novamente aqui, Victor Aquino não defende simplesmente a coletividade do acesso livre à produção acadêmica e ficcional, ele pratica o princípio (23)!

A obra de Victor Aquino nos oferece o exercício da condição movediça da linguagem, contrária à qualquer fixidez de significado. A cada novo sentido, novo livro, surge uma nova configuração de horizontes que nos convidam a experimentar novas paisagens temáticas. Tal como o mundo se apresenta a nós, a experiência interdisciplinar de Victor Aquino nos absorve, nos envolve, nos encasula literalmente. A mensagem se dilui no interior da hibridização das vozes, imagens e sons, que sempre expressam um naco do Victor Aquino narrador de histórias. A mensagem está frequentemente em perigo, porque

todo contador de histórias, ao mesmo tempo em que tenta passar uma "moral da história", também nos oferece a possibilidade de interpretarmos a narrativa como bem entendemos. Um sentido, a qualquer hora, pode perder o rumo, desaparecer e nunca mais voltar ou, ao contrário, retornar o tempo todo por meio de novas produções.

REFERÊNCIAS

(01) GADAMER, H.G. **Wahrheit und Methode**. J.C.B. Mohr, Tübingen, 1986. v.II.

(02) JURANVILLE, A. **Lacan e a Filosofia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989. Parece ficar claro que a verdade estará sempre forcluída.

(03) Tal como Heidegger compreendeu o resgate do conceito de verdade, ver Heidegger, M. **Sein und Zeit**. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1972.

(04) GADAMER, H.G. **Wahrheit und Methode**. op.cit.

(05) Questão muito bem analisada por Casti, John L. Would-be worlds. Nova York, John Willey & Sons Inc., 1997.

(06) GADAMER, H.G. **Wahrheit und Methode**. op.cit. p. 53.

(07) DARLEY, Andrew. **Visual digital culture**. Nova York, Routledge Press, 2000.

(08) JOYCE, Michael. **Of two minds**: hypertext, pedagogy and poetics. Michigan, Michigan Press, 1998.

(09) GADAMER, H.G. **Wahrheit und Methode**. op.cit. p. 59.

(10) BAIRON, Sérgio (coord.). Hipermídia, Psicanálise e História da Cultura. São Paulo, EDUCS, Ed. Mackenzie, 2000.

(11) GADAMER, H.G. **Arte e verdade da palavra**. Barcelona, Paidós, 1998.

(12) BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1992; e ainda _____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo, Hucitec, 1991.

(13) HEIDEGGER, M. **Die Frage nach dem Ding**. Zu Kants Lehre von den transzendentalen Grundsätzen. Tübingen , Niemeyer, 1985.

(14) Consultar Burdea, Grigore & Coiffet, Philippe. Tecnologías de la realidad virtual. Barcelona, Paidós, 1996.

(15) GADAMER, H.G. **Estética y Hermenéutica**. Tecnos, Madri, 1997. Fundamentalmente o texto Poesía y mímesis.

(16) MACKAY, Hugh & O'Sullivan, Tim. **The media reader**: continuity and transformation. Londres, Sage Publications, 1999.

(17) GADAMER, H.G. **Wahrheit und Methode**, op,cit.

(18) HEIDEGGER, M. **Die Frage nach dem Ding**. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1987.

(19) HEIM, Michael. **Virtual realism**. Nova York, Oxford University Press, 1998.

(20) GADAMER, H.G. **Wahrheit und Methode**. op,cit.

(21) LANDOW, George & DELANY, Paul. **Hypermedia and literary studies**. Londres, Cambridge, The MIT Press, 1991.

(22) WITTGENSTEIN, L. **O caderno azul**. Lisboa, Edições 70, 1987. p. 89.

(23) LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo, Editora 34, 1999.